

## A (ANTI)UTOPIA EUGÊNICA EM *O PRESIDENTE NEGRO* DE MONTEIRO LOBATO E *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* DE ALDOUS HUXLEY

Evanir Pavloski (UEPG)<sup>1</sup>

**Resumo:** As obras de Monteiro Lobato e Aldous Huxley compõem um *corpus* emblemático das discussões e controvérsias que, nas primeiras décadas do século XX, envolveram os ideais de desenvolvimento social e humano. Distanciadas temporalmente em apenas seis anos, *O presidente negro* (1926) do autor brasileiro e *Admirável mundo novo* (1932) do escrito britânico figuram comunidades prospectivas, nas quais a manipulação das heranças genéticas se tornou uma prerrogativa governamental. Assim, a presente comunicação objetiva discutir comparativamente as figurações (anti)utópicas desses autores, tendo em vista o seu caráter dissonante com alguns dos principais ideais da modernidade.

**Palavras-chave:** Utopia. Distopia; Eugenia. Monteiro Lobato. Aldous Huxley.

O gênero utópico – assim como o seu contraponto, formalizado esteticamente pela literatura antiutópica ou distópica - reúne em seu *spectrum* obras de diferentes matrizes culturais e orientações ideológicas. Tal diversidade se torna ainda mais aparente quando, para além de recortes sincrônicos da produção literária, observam-se transformações do gênero em uma perspectiva diacrônica, as quais, indubitavelmente, são influenciadas por mudanças socioculturais no fluxo do tempo. O presente artigo tem como objetivo a análise comparativa de dois romances do início do século XX que, apesar de terem sido produzidos em contextos sociais distintos, apresentam semelhanças entre suas dimensões formais, temáticas e retóricas, as quais podem ser mais propriamente compreendidas sob a luz do utopismo. Dessa forma, a abordagem comparativa de *O presidente negro* de Monteiro Lobato e de *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley compreende, ao mesmo tempo, a perspectiva sincrônica como forma de evidenciar os temas em comum apreensíveis nas narrativas e o horizonte diacrônico da literatura utópica como forma de perceber as atualizações do gênero nas obras.

Primeiramente publicado na forma de folhetim entre os meses de setembro e outubro de 1926, *O presidente negro* foi o único romance produzido por Monteiro Lobato. Em sua publicação seriada, a obra foi apresentada nomeada como *O choque das raças*, mas a edição integral lançada pela Companhia Editora Nacional no mesmo ano já trazia o título definitivo. Segundo o próprio autor, em carta enviada ao amigo

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Estudos em Linguagem e do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). E-mail: evanir.pv@gmail.com



Godofredo Rangel, a narrativa foi produzida como estratégia para adentrar o mercado editorial dos Estados Unidos, país para o qual Lobato havia sido nomeado como adido do consulado brasileiro. “Minhas esperanças estão todas na América. Mas o 'Choque' só em fins de janeiro estará traduzido para o inglês, de modo que só lá pelo segundo semestre verei dólares. Mas os verei e à beça, já não resta a menor dúvida” (LOBATO, 1959, p. 189). Ressaltamos neste ponto que, devido a mudanças na política econômica brasileira, o autor declarara no ano anterior a falência da Editora Monteiro Lobato e Cia. e se encontrava em certa dificuldade financeira.

O enredo da obra que, segundo Lobato, angariar-lhe-ia muitos dólares pode ser resumido da seguinte forma: o protagonista, Ayrton Lobo, é um funcionário de uma empresa fluminense que sofre um acidente de carro na região de Friburgo e é resgatado por um excêntrico e brilhante cientista conhecido popularmente como Professor Benson. Ayrton é levado para a casa de campo do pesquisador britânico, onde é apresentado a uma surpreendente invenção: uma máquina chamada de “porviroscpio”, que permite observar qualquer os acontecimentos de qualquer recorte temporal, tanto passado quanto futuro. Após a repentina morte de Benson, Ayrton é convidado pela filha do inventor para uma série de encontros semanais, nos quais ela descreve eventos e transformações futuras. Mais especificamente, ela discorre sobre o ano de 2228 e as respectivas condições sociais no Brasil e nos Estados Unidos. No século XXIII, a nação brasileira fora dividida em duas: uma formada pelos estados do sul-sudeste e habitada predominantemente por descendentes de imigrantes europeus; e a outra constituída pelos outros estados da antiga república e habitados por uma população majoritariamente composta por indígenas, negros e mestiços. Por sua vez, a divisão do eleitorado estadunidense entre dois candidatos brancos nas eleições de 2228, possibilitara a subida ao poder do primeiro presidente negro do país.

O romance *Admirável mundo novo*, publicado em 1932, figura uma ordem mundial futurista, na qual todos os indivíduos são manufaturados por meio da fertilização *in vitro* e manipulados geneticamente para se enquadrarem física e intelectualmente na classe social específica que ocupam. Esse processo é complementado por métodos de condicionamento comportamental que asseguram uma relativa homogeneidade dos sujeitos, de acordo com as suas posições na rígida hierarquização da sociedade. O enredo da obra se desenvolve predominantemente em



Londres, no ano 2540, ou, 632 D.F. (Depois de Ford), substituição de referencial histórico que já exemplifica o industrialismo ufanista que caracteriza o espaço ficcional.

Com base nos breves resumos apresentados, as duas obras parecem apresentar até o momento mais diferenças do que semelhanças. Ao inscrevermos as narrativas na tradição da literatura utópica, no entanto, os pontos de aproximação entre elas se tornam mais evidentes.

Desde que Thomas More apresentou o neologismo utopia em sua obra *Sobre o Melhor Estado de uma República que Existe na Nova Ilha Utopia*, diferentes áreas do pensamento contribuíram para a pluralização semântica e a sofisticação conceitual do termo. Por meio de seu potencial mimético e simbólico, a literatura figurou essas transformações, as quais se manifestaram predominantemente em dois planos de expressão e de conteúdo nas obras: de um lado, a utopia como arquétipo genérico, que recuperava o caráter essencialmente descritivo de uma sociedade perfeita aos moldes da obra de More; e, de outro lado, o idealismo utópico como elemento intradieético dos textos, seja como representação de um espaço alternativo no universo ficcional, seja como forma de reflexão, projeto ou devaneio de personagens. O ponto comum entre as duas formas de representação é o contraste do idílio figurado ou idealizado com a realidade empírica, o que possibilitava um fortalecimento da crítica social integrada à dimensão retórica dos textos. Como defende o filósofo político Isaiah Berlin “a menos que possamos conceber algo perfeito, não podemos entender o que significa a imperfeição” (BERLIN, 1991, p. 33-34).

Entretanto, fortes críticas ao idealismo utópico e suas consequências para o pensamento social já podem ser encontradas em obras dos séculos XVII e XVIII. Ainda que outros textos e autores pudessem ser elencados como representantes da sátira ao imaginário utópico, consideramos particularmente emblemático o pensamento de Johann Gottfried Herder (1744 – 1803), para quem as idiossincrasias que definem cada ser humano são, em grande parte, condicionadas por fatores histórico-culturais de cada sociedade, as quais constituem um corpo social que, ainda que não completamente uniforme, delinea o que chamaríamos de identidade cultural. Essas especificidades, tanto de foro individual quanto coletivo, inviabilizariam um processo de universalização de anseios e de paradigmas ético-morais, o que, conseqüentemente, obstruiria a projeção de utopias totalizantes, a não ser que se tornassem totalitárias. Berlin afirma que



(...) só as ciências naturais abstraem o que é comum, generalizam. As relações humanas estão fundamentadas no reconhecimento da individualidade, que talvez não possa jamais ser exaustivamente descrita, e menos ainda analisada (BERLIN, 1991, p. 43).

Na segunda metade do século XIX, a impossibilidade de um idílio social e a própria incapacidade dos seres humanos em coexistir em tal espaço é defendida por escritores como Edward Bulwer-Lytton e Jack London. No início do século XX, a crítica ao utopismo se transforma em um arquétipo formal por meio da chamada literatura distópica, que pode ser exemplificada pelas obras de Ievgueni Zamyatin, George Orwell e do próprio Aldous L. Huxley.

Desde então, os que crêem na possibilidade da perfeição social tendem a ser acusados por seus oponentes de tentarem impingir uma ordem artificial a uma humanidade relutante, de tentarem inserir, como se fossem tijolos, os seres humanos em uma estrutura preconcebida, de forçá-los em um leito de Procusto e de dissecá-los na busca de um esquema sustentado com fanatismo. (BERLIN, 1991, p. 48-49).

Diante disso, é importante perceber que relações entre as representações utópicas e distópicas não são necessariamente dicotômicas. Se, por um lado, podemos afirmar que, no que tange à liberdade individual, poucos aceitariam de bom grado habitar as sociedades controladoras de Ievgueni Zamyatin ou Ray Bradbury; por outro lado, poucos também seriam aqueles que aspirariam viver em comunidades como aquelas figuradas por Tommaso Campanella em *A cidade do sol*, por Francis Bacon em *A nova atlântida* ou mesmo por Platão em *A república*.

Para que o funcionamento dessas sociedades ficcionais tenha êxito, portanto, rígidos processos de padronização cultural e identitária devem ser levados a cabo. As utopias demandam a caracterização de um modelo utópico de sujeito, cujo senso de individualidade seja desintegrado em nome do bem estar coletivo. É justamente no desvelamento dessa homogeneização coletiva latente nas utopias tradicionais que as antiutopias embasam considerável parte de suas críticas.

Entretanto, no que concerne a estabilidade social, parte considerável de ambos os tipos de figuração apresentam aspectos semelhantes que, em certo ponto de vista,



poderiam ser considerados positivos. Ainda que não haja liberdade individual plena, não há também nesses espaços ficcionais problemas como fome e miséria.

Nesse sentido, as utopias e antiutopias discutem, a partir de propostas retóricas distintas para o discurso ficcional, os comprometimentos necessários para a consolidação de um projeto de sociedade modelar. Em outros termos, a realização da utopia demanda sacrifícios compartilhados por todo o corpo social, exigência que pode, em última análise, caracterizá-la como distópica. Como salienta Gianni Vattimo,

Ainda que a questão esteja diante de nós, é preciso uma reflexão específica para que a percebamos: é a descoberta de que a racionalização do mundo se volta contra a Razão, a partir dos seus objetivos de perfeição e emancipação; e faz isso não por erro, acidente ou subversão, mas exatamente porque é perfeitamente realizada<sup>2</sup> (VATTIMO, 1992, p. 78, *tradução nossa*).

Ambos os romances abordados nesse trabalho representam espaços ficcionais prospectivos que encontram na racionalização a resposta para a estabilidade de suas estruturas. É preciso salientar, todavia, que tanto os Estados Unidos da obra de Lobato quanto o Estado Mundial da narrativa de Huxley não atingiram o ápice de seu desenvolvimento social, aspecto que, em termos narratológicos, permite a existência de conflitos para a progressão do enredo e a própria adaptação do utopismo ao gênero romanesco. Raymond Trousson afirma que

Nada surpreende já que, por natureza, a utopia subordina a narração à descrição, portanto nega o romance concebido como história, ou seja, uma seqüência de eventos encadeados no tempo e segundo um princípio de causalidade. (TROUSSON, 2005, p. 132).

Dessa forma, a completa interrupção do fluxo histórico ainda não se efetivou nas figurações utópicas dos romances, possibilitando a existência de grupos sociais e personagens que questionam o panorama social em formação. Em *O presidente negro*, a rivalidade entre coletividades formadas a partir de questões de raça e de gênero obstrui a realização plena de um modelo societário. Já em *Admirável mundo novo*, algumas falhas

---

<sup>2</sup> Although it stands before our very eyes, to grasp it requires a particularly concerted reflection: it is the discovery that the rationalization of the world turns against reason and its ends of perfection and emancipation, and does so not by error, accident, or a chance distortion, but precisely to the extent that it is more and more perfectly accomplished.



nos processos de manipulação genética e de condicionamento justificam a presença de personagens que desafiam a ortodoxia do regime.

Ainda que sob pontos de vistas diferentes, os dois autores tematizam o ideal do progresso como sendo a base para o surgimento de seus respectivos espaços ficcionais. Nesse sentido, Lobato e Huxley são herdeiros de uma convicção na inevitabilidade da evolução das sociedades históricas, que no século XIX alcançou, para muitos, o status de axioma.

Com efeito, a noção de progresso começa a instalar-se agora na arena historiosófica, como um dos principais sucedâneos do arbítrio divino e, mesmo, deste como ato pessoal de Deus, da finalidade providencial, tanto mais quanto encerra, senão um paraíso como termo, pelo menos um “mundo sempre melhor” como uma proximidade terrena, dentro do tempo histórico, dependente apenas da atuação do homem. (GUINSBURG, 2005, p. 14-15)

Monteiro Lobato exortava a formação de uma arte literária tipicamente brasileira, que figurasse uma realidade social que precisava ser discutida e transformada. De acordo com essa proposta, as representações futuristas de um território brasileiro dividido por questões raciais e de uma nação estadunidense próxima de atingir seu mais elevado grau de eficiência servem como parâmetros de contraste para o conservadorismo e a estagnação do Brasil. Como vimos, esse efeito de contraste entre real e ficcional já corresponde a um das principais características do gênero utópico.

Em sua produção crítica e epistolográfica, o autor defendia firmemente o desenvolvimento científico, o progresso econômico e a independência cultural como formas de libertar o país da influência europeia e de consolidar a identidade nacional.

O meio inteligente de sustar o separatismo e o comunismo é indireto: é dando ferro e petróleo ao país. Ferro, matéria prima da maquina; petróleo, matéria prima da energia que move a maquina. Com a máquina teremos transporte e, portanto, mobilização das riquezas nacionais. Essa mobilização trará onimoda riqueza, trará destruição dos regionalismos hostis, trará alívio á miséria do povo, causa de todos os comunismos desesperados. (LOBATO, 1948, p. 255)

Aldous Huxley, por sua vez, cultivava uma perspectiva muito cautelosa em relação ao progressismo e cientificismo. Para o autor, as instrumentalizações ideológicas e sóciopolíticas desses ideais na esfera social poderiam resultar em idílios



democráticos ou pesadelos totalitários. Considerando esse posicionamento, é possível entender mais propriamente a maneira pela qual a sátira é organizada por Huxley em *Admirável mundo novo*, uma vez que a sociedade representada é ao mesmo tempo extraordinariamente avançada e rigidamente controladora. Em grande medida, a distopia do autor britânico é a realização concreta de uma utopia orientada por um racionalismo capitalista exacerbado. Não obstante, é evidente no romance que o progresso científico encontra termo no aperfeiçoamento quase definitivo do Estado Mundial. Como afirma um dos Dirigentes Mundiais na obra, “não podemos permitir que a ciência desfaça sua própria obra. Eis porque limitamos com tanto cuidado o âmbito de suas pesquisas” (HUXLEY, 1982, p. 276).

Esse reconhecimento do caráter dual do cientificismo não está ausente da obra de Monteiro Lobato, o que sugere que, apesar de um entusiasta da pesquisa científica e de seu papel no desenvolvimento da nação, o autor era plenamente consciente do seu potencial destrutivo e autoritário. À guisa de exemplificação, podemos citar a insistência do Professor Benson para que o “porviroscópio” fosse destruído após a sua morte de forma a evitar o seu uso ilegítimo. Outro exemplo é o terrível efeito da invenção do cientista John Dudley, cujos raios, ao alisar os cabelos dos negros estadunidenses – traço que ainda provocava estigmatização social - esterilizava-os permanentemente.

Ademais, em ambos os romances, a expansão industrial é uma das bases da sociedade modelar e encontra na figura do empreendedor estadunidense Henry Ford (1863 – 1947) seu ícone mais importante.

Na obra *O presidente negro*, a personagem Miss Jane afirma, em uma de suas preleções diante do protagonista, que Ford representaria a gênese de uma forma de idealismo orgânico que teria influenciado diretamente o desenvolvimento dos Estados Unidos, tendo como resultado a sociedade figurada de 2228.

Por mais audacioso que nos pareça o pensamento de Henry Ford, que é ele senão o reflexo do mais elementar bom senso? [...] No entanto, tamanha é a crosta que nos recobre o bom senso natural que Ford nos parece um messias da Ideia Nova. [...] Ninguém melhor do que eu poderá dizer isto de Henry Ford, porquanto devassei o futuro e por toda parte vi reflexos do seu pensamento. É pois o melhor tipo atual do idealista orgânico. Sonha, mas sonha a realidade de amanhã. (LOBATO, 1979, p. 47-48).



Para a filha do Professor Benson, a eficiência e o pragmatismo apreensíveis no pensamento do fundador da Ford Motor Company serviram de referência para a formação de um comportamento racionalista de toda a população estadunidense, o qual teria sido decisivo para a evolução da sociedade. Em comparação com o desenvolvimento dos países latinos, Miss Jane afirma que

O idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, própria, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. (LOBATO, 1979, p. 47).

Como podemos notar, o termo utopia é utilizado nesta passagem com a acepção de um projeto irrealizável e, portanto, antinatural em oposição a uma noção de um projeto funcional e potencialmente bem sucedido em termos práticos.

Em *Admirável mundo novo*, o culto à importância social de Henry Ford assume contornos místicos, o que redundava na divinização da imagem do empresário. Obviamente, o aparente exagero se justifica pelo sistema capitalista e positivista que caracteriza a distopia de Huxley. Nesse contexto, Ford assume o lugar de Jesus Cristo como redentor e guia da humanidade para novos tempos. A própria marcação do tempo passa a ser realizada por meio das abreviaturas a. F. (antes de Ford) e d. F. (depois de Ford). “Todas as cruces foram cortadas em cima e transformadas em T. Também havia algo chamado Deus [...] Agora temos o Estado Mundial. E comemorações do dia de Ford, Hinos da Comunidade e Serviços de Solidariedade” (HUXLEY, 1982, p. 77).

Além dessa inegável importância para a estruturação dos espaços ficcionais, Henry Ford simboliza também um perfil identitário, cujas características como, por exemplo, o racionalismo positivista, servem de parâmetro para os habitantes das (anti)utopias. Como ressaltamos anteriormente, o pleno funcionamento das estruturas sociais modelares impõem a prescrição de um modelo de indivíduo. A esse respeito, tanto Lobato quanto Huxley tematizaram, ainda que de formas diferentes, a teoria eugênica em suas obras.

Primeiramente, é importante salientar que a eugenia como prática de aperfeiçoamento da raça é um princípio recorrente no gênero utópico desde *A república*



de Platão. Além dessa reincidência diacrônica, as teses eugênicas eram consideravelmente populares no início do século XX.

Em *O presidente negro*, Monteiro Lobato discute a questão do aprimoramento das raças no futuro das sociedades brasileira e estadunidense. No primeiro espaço figurado, a inexistência de um programa cientificamente razoável para o controle populacional teria causado um desequilíbrio tão grande na distribuição das raças nos estados da federação que o país estaria dividido em 2228.

O Antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do Paraná. Com cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da América transformado na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma republica tropical, agitava-se nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semi-morta língua portuguesa. Os sociólogos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo conseqüente à fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este ultimo predominante no vale do Amazonas (LOBATO, 1979, p. 77-78).

Diante disso, é possível afirmar que no Brasil do século XXIII, os limites que separam a utopia da distopia são geograficamente demarcados e racialmente determinados.

Por sua vez, os Estados Unidos teriam conseguido, por meio de políticas de imigração e do controle de natalidade, consolidar um corpo social constituído por pessoas de um padrão racial considerado superior. Ao contrastar as práticas realizadas nos dois países, Miss Jane defende que

A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado. (LOBATO, 1979, p. 49).

Entretanto, falhas na execução de políticas eugênicas pelo Estado ficcional de Lobato fez com que, no ano 2228, o número de negros se equiparasse à população de descendentes de europeus, fator determinante na eleição presidencial que então se



aproximava. Neste momento específico revelado pelo “porviroscópio”, os dois partidos políticos existentes se dividem com base na identidade de gênero. Se, por um lado, o então presidente representa os interesses dos homens brancos, claramente preocupados com a propagação dos discursos feministas; por outro lado, a candidata do Partido Feminino objetivava o crepúsculo do domínio masculino em todas as esferas da sociedade e, para tanto, precisa obter o poder necessário. Percebe-se, dessa forma, um confronto entre dois projetos essencialmente utópicos.

Diante dessa divisão, o apoio do líder negro Jim Roy se torna fundamental para o desfecho da corrida à Casa Branca. No último momento possível da votação, Roy pede aos seus apoiadores que votem nele mesmo para chefe do executivo. Com isso, o primeiro presidente negro da história estadunidense sobe ao poder. Inconformado com a derrota, o presidente Kerlog utiliza a ciência para que, por meio de um engodo, toda a raça negra seja esterilizada. Ao exaltar sua vitória final sobre seu opositor, a personagem afirma: “Não ha moral entre raças, como não ha moral entre povos. Ha vitória ou derrota. Tua raça morreu, Jim... [...] Com a frieza implacável do Sangue que nada vê acima de si, o branco pôs um ponto final no negro da América” (LOBATO, 1979, p. 112). Por meio desse ato violento, uma padronização genética é concretizada na pretensa sociedade modelar estadunidense.

No romance de Aldous Huxley, em contrapartida, a manipulação genética é um procedimento essencial para toda a organização social representada. No Estado Mundial, os indivíduos são literalmente produzidos por meio de fertilização *in vitro*, sendo os embriões manipulados de forma a se desenvolverem com características físicas e cognitivas concordantes com o estamento hierárquico que ocuparão. A estrutura social na obra é formada por cinco castas (*Alfa, Beta, Gama, Delta e Ípsilon*), dentre as quais qualquer forma de mobilidade inexistente. Considerando o processo industrial de “fabricação” de seres humanos, essa categorização não atende a parâmetros raciais, mas a uma necessidade inalienável do sistema capitalista: a divisão do trabalho. Nesse sentido, a homogeneização das individualidades e a determinação de um modelo de sujeito *Admirável mundo novo* não ocorre de forma totalizante. Ao contrário, a uniformidade é construída dentro de cada casta por meio de procedimentos eugênicos. O indivíduo utópico na obra de Huxley é definido pela sua predestinação social. Uma



personagem que ocupa o cargo de diretor de incubação no romance declara orgulhosamente diante de um grupo de estudantes:

Também predestinamos e condicionamos. Decantamos bebês já como seres humanos socializados, tanto Alfas como Ipsilonés, tanto os futuros trabalhadores de esgotos como os futuros... Ele ia dizendo os “futuros dirigentes do Mundo”, mas, corrigindo-se, disse “futuros Diretores de Incubação” (HUXLEY, 1982, p. 34).

Não obstante, o aparato eugênico é complementado por métodos de condicionamento que asseguram a estabilidade social do regime como, por exemplo, técnicas pavlovianas de estímulo, resposta e reforço, a educação hipnopédica e a obrigatoriedade do consumo como mecanismo de alienação coletiva. Por meio desses dispositivos, o equilíbrio da sociedade ficcional é alcançado sem a utilização da violência, reconhecida por Huxley na própria obra como um instrumento de poder totalmente ineficiente. “Um estado totalitário realmente eficaz seria aquele em que o executivo todo-poderoso constituído de chefes políticos e de um exército de administradores, controlasse uma população de escravos que não precisassem ser forçados, porque teriam amor à servidão” (HUXLEY, 1982, p. 18).

Esse apreço pela submissão individual a cada casta e, em termos mais amplos, ao corpo social como um todo é também uma consequência da instrumentalização da eugenia na organização de uma estrutura modelar. Como salienta Jenni Calder, “em *Admirável mundo novo*, a maioria das personagens é feliz. Eles sofreram uma lavagem cerebral para serem felizes e sempre que a lavagem cerebral não funciona completamente, drogas auxiliam”<sup>3</sup> (CALDER, 1976, p. 11, *tradução nossa*).

A exemplo do que acontece com Jim Roy e seus correligionários na narrativa lobateana, os indivíduos que desafiam o *status quo* - seja por irregularidades na manipulação genética como Bernard Marx e Helmholtz Watson, seja pela completa inadequação aos paradigmas sociais do Estado Mundial como John, O Selvagem -, são levados ao exílio ou à destruição na obra de Huxley.

À guisa de conclusão, o objetivo deste trabalho foi o de discorrer brevemente sobre a essência satírica das obras de Monteiro Lobato e de Aldous Huxley, tendo em

---

<sup>3</sup> In *Brave New World* most of his characters are happy. They have been brainwashed into happiness, and whenever brainwashing cannot wholly work drugs can assist.



vista os seus enquadramentos genéricos na tradição da literatura utópica e as influências oriundas de tendências do pensamento social nas primeiras décadas do século XX, especialmente a herança dos ideais de progresso e as teorias eugênicas. Ao longo da discussão, procuramos demonstrar que os limites entre o idílio utópico e o pesadelo distópico são mais tênues e provisórios do que comumente se imagina em um primeiro olhar. Apesar dos possíveis comprometimentos ideológicos dos autores empíricos, reafirmamos que o tom irônico e, por vezes, trágico que compõe as suas respectivas dicções nessas narrativas, condensam pontos de vista que valorizam mais a problematização do que a reafirmação dos ideais utópicos.

### **Referências bibliográficas**

BERLIN, Isaiah. *Limites da utopia: capítulos da história das idéias*. São Paulo: Companhia das Letras: 1991.

GUINSBURG, J. (org.) *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 1982.

LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. Vol. 1, p. 189.

\_\_\_\_\_. *O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

\_\_\_\_\_. *Prefácios e entrevistas*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

TROUSSON, Raymond. Utopia e utopismo. *Revista Morus - Utopia e Renascimento*, Campinas, Unicamp, v. 02, p. 124 – 135, 2005.

VATTIMO, Gianni. *The transparent society*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.